

RalfRickli

TRÓPIS E ANTROPOSOFIA EM DIÁLOGO

3 ARTIGOS E UM EPÍLOGO

- **A Trópis, sua filosofia e a Antroposofia em um rápido olhar**
- **Preparação para a Sexta Época: a Trópis como espaço de investigação prática da Liberdade e da Compaixão**
- **Relacionando-se com a Antroposofia como Discurso Científico**

A festa de Lady Anthroposophy
(um epílogo-apelo)

 2003

Ralf Rickli, nascido em 1957, é escritor e educador social. Nos anos 90 desenvolveu na prática a Pedagogia do Convívio (ou Educação Convivial) fundando, com um grupo de jovens da periferia de São Paulo, a **Associação Trópis para o desenvolvimento cultural e social**. Nos anos 80 foi editor e docente de Fundamentos Antroposóficos no Instituto Biodinâmico (Botucatu SP). Tem atuado também como tradutor de obras de Rudolf Steiner e de outros autores e conferencistas antroposóficos.

Contato: rr@tropis.org

Casa de Cultura Trópis

R Dr Joaquim G Santana 230

11340-130 São Vicente SP • Brasil

Fone 13 3464-6397 • www.tropis.org

Ralf Rickli

TRÓPIS E ANTROPOSOFIA EM DIÁLOGO

3 artigos e um epílogo

Artigo 1 (informativo):

A TRÓPIS, SUA FILOSOFIA E A ANTROPOSOFIA EM UM RÁPIDO OLHAR 4

- 1.1 - existe relação? 4
- 1.2 - mas não tem cara... 4
- 1.3 - sete parágrafos de antroposofia 5
- 1.4 - seis parágrafos sobre a filosofia do convívio e sua origem 6
- 1.5 - o convívio da filosofia da convívio com a antroposofia 7

Artigo 2 (esotérico):

PREPARAÇÃO PARA A SEXTA ÉPOCA: A TRÓPIS COMO ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO PRÁTICA DA LIBERDADE E DA COMPAIXÃO 8

- 2.1 - do que (não) trataremos 8
- 2.2 - uma época de penúria de alma e sua transformação 9
- 2.3 - a abordagem da trópis a isso 11
- 2.4 - a sexta época e a radicalização da compaixão 13
- 2.5 - o horror denegado por trás do brilho e o brasil como modelo negativo 13
- 2.6 - o enfrentamento social da opressão arimânica 15
- 2.7 - duas questões abertas 17
- 2.8 - destino, liberdade e necessidade 19

Artigo 3 (metodológico):

RELACIONANDO-SE COM A ANTROPOSOFIA COMO DISCURSO CIENTÍFICO 20

- 3.1 - espiritual é sinônimo de religioso? 20
- 3.2 - características universais do discurso religioso 21
- 3.3 - o discurso científico e sua condição fundamental 23
- 3.4 - chegando à transcendência na fidelidade à própria essência 23
- 3.5- menos! (uma “carência negativa” dos nossos tempos) 24
- 3.6 - para que um sonho não seja em vão 26

UM EPÍLOGO-APELO: *a Festa de Lady Anthroposophy* 28

Artigo 1 (informativo):
**A Trópis, sua filosofia e a Antroposofia
em um rápido olhar**

1.1 - EXISTE RELAÇÃO?

Existe. Porém não é uma relação fechada, comum ou óbvia. Por isso, tanto para envolvidos como para não-envolvidos com a Antroposofia, é útil definir **como é** essa relação.

(Não dizemos ‘qual é’, pois isso pressupõe que exista um catálogo previamente definido de relações possíveis, e isso não é verdade: em todos os campos, as relações mais autênticas são *sui generis* – isto é: fundam seu próprio gênero).

1.2 - MAS NÃO TEM CARA...

Iniciativas de inspiração antroposófica existem hoje em todo o mundo. Quem já visitou algumas costuma reconhecer determinadas *marcas de estilo* – da decoração ao modo de falar e de fazer as coisas.

Quem chega na **TRÓPIS** pode muitas vezes identificar uma ‘cara de 1968’ (que afirmamos ser espontânea, não planejada), mas dificilmente encontra ‘marcas antroposóficas’. Por isso, ou não suspeitam que existe relação, ou podem chegar a questionar: ‘*mas essa não é A forma Waldorf de fazer as coisas!*’ (Waldorf é um sistema pedagógico de inspiração antroposófica).

A razão é dupla: (1) Nas iniciativas antroposóficas, o predomínio de certo estilo é espontâneo e compreensível, porém de nenhum modo obrigatório. (2) Na formação do ‘**rio TRÓPIS**’ convergem *dezenas* de fontes significativas, entre elas a antroposófica – que é de grande importância, porém não substitui ou dispensa nenhuma outra. Sendo muito ampla em si mesmo, alguns imaginam que sua participação numa iniciativa devesse ser zero ou 100% – mas isso é um mal-entendido. Na verdade, **TANTO A OBRIGATORIEDADE QUANTO O EXCLUSIVISMO SÃO INCOMPATÍVEIS COM OS PRINCÍPIOS MAIS PROFUNDOS DA PRÓPRIA ANTROPOSOFIA.**

1.3 - SETE PARÁGRAFOS DE ANTROPOSOFIA

Antroposofia é uma escola de pensamento e ação iniciada pelo pensador **Rudolf Steiner**, que viveu de 1861 a 1925, na Áustria, Alemanha e Suíça. A maior parte dos elementos presentes na Antroposofia não são exclusivos dela, porém estão organizados e apresentados de forma fortemente original, tendo em vista o que Steiner aponta como necessidades próprias dos tempos modernos.

Steiner deixou 46 volumes de escritos e mais de 300 de transcrições de palestras – a maior obra de um só autor já publicada. Trata-se de uma imensa síntese onde estão presentes, entre outros, o conhecimento científico moderno, a Filosofia desde Pitágoras e Aristóteles até o idealismo alemão, tradições esotéricas como a hindu-teosófica, a gnóstica, a nórdica e a cristã-rosacruz – além de contribuições totalmente originais.

Longe de ser apenas ‘pensamento puro’, a obra de Steiner propõe caminhos para a pedagogia, a medicina e farmacologia, a agricultura, as diversas artes incluindo a arquitetura e o teatro, a religião, a organização social, a economia... No entanto costuma ser muito estranha para a consciência atual a combinação de detalhamento técnico (como na economia, fisiologia ou em cálculos arquitetônicos) com exposições sobre reencarnação e carma, percepções diretas de seres e mundos espirituais etc.

Para nossos fins queremos apontar três aspectos do pensamento antroposófico:

- (a) Conhecimento: na nossa época o ser humano é chamado a se relacionar com os planos espirituais não mais mediante crença, e sim com objetividade científica, desenvolvendo pouco a pouco uma efetiva **Ciência do Espiritual**;
- (b) Liberdade e evolução: todo indivíduo humano é destinado à liberdade, a qual porém só é possível e real quando construída a partir do pensamento (*que é em si real!*); ao atuar criativamente entre os diversos campos da realidade, o indivíduo humano é agente da evolução de si mesmo e do mundo;
- (i) Responsabilidade cósmica: embora a criatividade opere de modo diferente através de cada indivíduo, sua aplicação deve sempre visar o benefício do todo (social, ambiental, universal); o ser humano tem a liberdade e o poder de direcioná-la para seu próprio benefício (ou de seu grupo como separado e oposto ao todo), porém com isso se torna responsável pela fragmentação e necrose (processo de morte) da realidade.

Desde a década de 1910 se desenvolveram inúmeras escolas de trabalho prático fundadas diretamente com a participação de Rudolf Steiner, ou por estudosos da sua obra. As mais conhecidas são provavelmente as Escolas Waldorf, a Agricultura Biodinâmica e a Medicina Antroposófica. É importante notar, porém, que não há razão para supor que essas escolas consolidadas ao longo do século XX sejam os únicos frutos possíveis de uma proposta tão vasta, ou mesmo que já tenham alcançado formas definitivas.

1.4 - A FILOSOFIA DO CONVÍVIO E SUA ORIGEM EM SEIS PARÁGRAFOS

Os princípios centrais a partir dos quais – e *pelos* quais – a **TRÓPIS** trabalha *permitem mas não exigem* a aceitação integral do *corpus* antroposófico. Mais: trabalham para que haja espaço permanente na sociedade para idéias assim – porém também para outras, com a condição de que cada uma delas seja *exposta mas jamais imposta*, e sobretudo jamais tente suprimir a outra.

Ou seja: é um sistema que se preocupa com a garantia do espaço para todas as idéias (noodiversidade ou ideodiversidade, análoga à biodiversidade), e não com o seu conteúdo, deixando-o inteiramente ao campo da escolha individual – vedando unicamente o cultivo de conteúdos que visem a suprimir ou reduzir o espaço de outros. Identificamos *isso* como prioritário, pois haverá tempo e condições para um posicionamento livre frente a qualquer outro tema apenas se este princípio for implantado primeiro.

Este princípio está implícito em vários pontos da obra de Steiner, não porém como ponto central ou de maior ênfase. Além disso, sua presença aí não o faz necessariamente vinculado às demais partes dessa obra: por sua própria natureza trata-se de um princípio que pode se fazer presente em *qualquer* sistema, mas jamais ficar atrelado a nenhum deles.

Naturalmente esse princípio não é invenção nem exclusividade da **TRÓPIS** – porém é usado aqui na forma de uma sistematização original realizada por Ralf Rickli, um dos nossos fundadores. Nós o chamamos de **Princípio do Pluralismo Sistemático**, entendendo-o como o ‘braço’ ético-prático do **Paradigma do Convívio Universal** – que, ao lado da **Pedagogia do Convívio** (ou **Educação Convivial**) e dos princípios do **Minimalismo** e da **Requalificação da Linguagem**, integra o que chamamos de **Filosofia do Convívio**.

O fato de que até hoje somente fragmentos dessa elaboração filosófica tenham sido impressos não significa que seja coisa recente: desde os anos 80 ela tem sido apresentada oralmente, e desde os 90 exposta de forma concreta nos trabalhos da **TRÓPIS**.

Não cabe aqui uma apresentação detalhada nem desses trabalhos nem dos princípios, pois isso requer vários ensaios de fôlego. Sobre os trabalhos já há considerável material impresso e na Internet (em www.tropis.org), e é nossa intenção publicar mais sobre a Filosofia do Convívio ainda em 2003.

1.5 - O CONVÍVIO DA FILOSOFIA DA CONVÍVIO COM A ANTROPOSOFIA

Ralf Rickli começou a sistematizar a **Filosofia do Convívio** em 1970, ainda na adolescência. Em 1978 foi apresentado à obra de Rudolf Steiner, interessando-se sobretudo por reconhecer nela a presença desse mesmo impulso filosófico. Buscando aprofundamento, passou três anos em instituições antroposóficas de educação adulta (Emerson College, Inglaterra e Institut Annener Berg, Alemanha), e trabalhou quase toda a década de 80 no movimento brasileiro de Agricultura Biodinâmica, financiado para isso pela **ABT** (Associação Beneficente Tobias, de São Paulo), de inspiração antroposófica.

A partir de 1992, com a concentração nos trabalhos que vieram a formar a **Trópis**, manteve uma relação um pouco mais distante com a maioria das instituições antroposóficas, porém ainda atuando com frequência como tradutor de palestras e de livros de Rudolf Steiner. Além disso, diversos membros da comunidade antroposófica de São Paulo têm contribuído para a manutenção das atividades da **Trópis**, e desde 2001 a **ABT** passou a lhe dar significativo apoio regular, e isso de modo absolutamente coerente com os princípios mais profundos da Antroposofia – ou seja: respeitando as características próprias da iniciativa.

A **Trópis** reconhece, portanto, ter recebido da Antroposofia grandes contribuições de método e de conteúdo na elaboração do seu pequeno sistema – pequeno diante dela como um aglomerado globular diante de uma galáxia – porém *intencionalmente* pequeno, pois sua funcionalidade reside justamente nisso, em *servir em qualquer lugar*.

Ao mesmo tempo não sente necessidade de se rotular como *uma iniciativa antroposófica* – pois deve permanecer aberta ao serviço de todos, inclusive da Antroposofia, *a partir de suas características específicas*. Afinal, é parte da essência do nosso sistema que *todos*, sem exceção, devam *cultivar* seus diferenciais – não como elemento de conflito, mas justamente para *ter com o que contribuir*.



Artigo 2 (esotérico):
Preparação para a Sexta Época:
a Trópis como espaço de investigação prática
da Liberdade e da Compaixão

2.1 - DO QUE (NÃO) TRATAREMOS

Podemos começar afirmando que o trabalho da Trópis só pode ser compreendido em todo seu alcance por quem se dispuser a levar em conta níveis sutis da realidade – quer coloquemos esses níveis sob o rótulo ‘Imaginário’, sob o rótulo ‘Espiritual’ ou ainda outros.

Como a Antroposofia dispõe de um rico instrumental e de um vasto referencial de estudos nesses campos, é sem dúvida rico usá-los para olhar a Trópis – bem como, naturalmente, experimentar usar critérios da Trópis (os da Filosofia do Convívio) para olhar a Antroposofia. O fato de que um dos espelhos seja gigantesco e o outro de bolso absolutamente não prejudica esse ato de *fairplay*.

Um inventário inicial de quês idéias antroposóficas se mostram mais presentes nas visões de trabalho e na prática cotidiana da Trópis pode mostrar o seguinte:

- a arte como caminho privilegiado de educação (embora não necessariamente usemos as técnicas e estilos usuais nos meios antroposóficos – ponto cuja discussão não cabe no momento);
- combinação de arte e conhecimento como meio de transcendência (de acordo com Goethe: ‘quem tem ciência e tem arte tem religião’);
- ensino em épocas temáticas;
- respeito absoluto à individualidade humana;
- prevalência da qualidade de *encontro humano* sobre todo e qualquer outro critério no trabalho da instituição;
- convívio como arte (Arte Social);
- a idéia geral da Trimembração Social – como instrumento de análise, planejamento, decisão e administração;
- a iniciativa inteira como resultado da busca de uma compreensão ao mesmo tempo racional e transcendente da realidade – como a proposta por Rudolf Steiner.

No momento não é viável um estudo amplo de todos esses pontos, que apenas deixamos registrados, porém nos parece fundamental colocar um pouco mais à disposição sobre a natureza profunda do nosso trabalho. Para isso nossas atividades de tradução e revisão sugeriram diversas pistas interessantes nos últimos anos – algumas das quais queremos desenvolver um pouco a seguir.

Não será um texto de introdução à Antroposofia – por isso empregaremos sem maiores explicações diversas expressões que podem soar bastante estranhas aos leitores não familiarizados. Demos porém um tratamento diferente a algumas idéias de especial importância para nossa argumentação, tentando ‘traduzi-las’ em termos filosóficos mais característicos deste início de século XXI – de modo que podem soar estranhos *também* para quem é familiarizado com a Antroposofia!... Afinal, uma certa medida de estranheza estimula e renova a compreensão. Esperamos ter acertado a medida!

2.2 - UMA ÉPOCA DE PENÚRIA DE ALMA E SUA TRANSFORMAÇÃO

Entre inúmeros textos de Rudolf Steiner com o mesmo sentido, queremos destacar a palestra IV do GA (volume das Obras Completas) 168, de 1916 – no catálogo da Editora Antroposófica com o nome *Carências da alma em nossa época*. (O volume todo deve ser publicado em breve pela Sociedade Antroposófica em forma de apostila, com tradução nossa. Demos aí preferência à expressão ‘penúria de alma dos nossos tempos’) – e ainda a palestra do GA 159, de 1915, publicada em inglês como *Preparing for the Sixth Epoch*.

De todos esses textos ressalta a afirmação de que **sempre cabe às pessoas que se envolvem com efetivo conhecimento espiritual trabalharem na preparação da época cultural seguinte.**

Segundo Steiner, nossa Quinta Época Pós-Atlante nos ameaça permanentemente com (1) o estranhamento entre os seres humanos, a incapacidade de se compreenderem, a desumanização das relações sociais; (2) a concentração de autoridade nos especialistas dos diversos campos, tentando reduzir a autonomia dos indivíduos; (3) a negação do espírito no conhecimento, o que, para Steiner, fará a ciência atual ser vista no futuro como superstição.

Observação nossa: conhecendo um pouco os usos da palavra *Geist* na filosofia alemã, sugerimos *não* relacionar ‘espírito’ primordialmente com ‘religiosidade’, e sim com a presença na Realidade de intenção, sentimento, consciência e

sentido. A negação disso não está no uso do rótulo ‘materialismo’ nem na rejeição *da palavra* ‘espírito’, e sim, primordialmente, na busca de fazer **do acaso** o senhor último das origens.

Retomando: a humanidade só estará preparada para os passos evolutivos que a esperam na Sexta Época (daqui a muitos séculos) se essas tendências da Quinta Época forem respondidas desde agora com...

(1) ... a conquista de novas formas de entendimento entre os seres humanos – *generalizadas*: Steiner diz ‘entendimento social’. Isso não pode ser alcançado partido-se de programas ou ideais abstratos, mas somente do aprendizado, por cada pessoa, de uma antropologia e psicologia práticas, um aprendizado de como são os diferentes seres humanos. Steiner acentua várias vezes o caráter prático, não abstrato desse aprendizado:

Quando surgem sociedades, elas deveriam surgir (...) de tal modo que os seres humanos que se encontram nessa sociedade sejam o seu motivo principal, e que o que possa resultar resulte dos intercâmbios recíprocos *desses seres humanos objetivos*. ... Toda conversa sobre programas e estatutos é apenas uma concessão ao mundo; trata-se mesmo é do viver conjunto de indivíduos, que resulta de seres humanos reais; entendimento recíproco é o que importa. ... Vemos em toda parte surgirem teorias encharcadas de abstração, nas quais são apresentadas às pessoas todas as idéias e ideais possíveis. Mas não é disso que se trata; trata-se apenas de penetrar com compreensão no concreto, na vida real.

Nosso comentário: a Filosofia e a Pedagogia do Convívio, a Trópis como laboratório de observação e desenvolvimento do convívio humano no cotidiano real – nada disso foi criado intencionalmente a partir da leitura deste ou de outros textos, mas apenas tentando responder a situações reais que tínhamos pela frente. Porém a correspondência com os objetivos e atitudes expressos no texto é *exata*.

(2) ... a resistência ao autoritarismo no campo espiritual e intelectual (da religião e filosofia às ciências, medicina, direito etc.), com o cultivo da liberdade de pensamento, da capacidade de julgamento autônomo.

Como evitar, porém, que isso seja fique no nível do ‘achismo’ ou ‘opinionismo’ leviano e arbitrário, nestes tempos de especialização e de excesso de informação? A resposta de Steiner a isso coincide com sua resposta ao ponto 3:

(3) o julgamento autônomo legítimo só se torna viável a partir do contato com o nível espiritual – o que propicia a intuição dos *princípios* pertinentes a cada caso. É preciso portanto reconhecer esse nível e ocupar-se dele mentalmente (pois isso *já é* estar construindo contato).

Até aqui fala Rudolf Steiner, deixando-nos a inevitável pergunta: como conciliar essa *necessidade* de contato com o espiritual com a própria liberdade que ele deve garantir? – pois evidentemente essa liberdade não é verdadeira se não contiver inclusive a liberdade de descreer do espiritual!

Talvez ajude lembrar que uma das formas de entender ‘o espiritual’ no discurso de Steiner (porém, com honestidade, não a única) é a do idealismo alemão, e mais particularmente de Goethe: podemos entendê-lo como o campo dos grandes princípios que subjazem à multiplicidade das manifestações (= fenômenos) – princípios cuja luz evidencia sentidos e estruturas nessa multiplicidade, de modo análogo a como a luz polarizada sobre os minerais revela sua estruturas não-evidentes.

Porém, seja como for definido ‘o espiritual’, importa que o contato com ele permanece sujeito às condições da resposta anterior (n.º 2): **não se encontra sob a autoridade de sacerdotes ou mestres, e sim no campo das vivências e da liberdade individuais.**

As respostas 2 e 3 formam, portanto, uma ‘dobradinha’ intrincada, um refinado sistema de *feedback* de ajuste delicado e realização prática trabalhosa como um castelo de cartas.

2.3 - A ABORDAGEM DA TRÓPIS A ISSO

Ninguém na **TRÓPIS** é pressionado a acreditar no espiritual – nem a desacreditar! – porém, diferente das escolas leigas atuais, os discursos que utilizam essa categoria não são omitidos, escondidos ou ridicularizados; e diferente das escolas religiosas, não se privilegia o discurso de uma das tradições como expressão superior da verdade, com a qual os outros discursos um dia ainda terão que concordar.

Apresenta-se uma pluralidade de modos de olhar, procedentes das mais diversas tradições culturais, religiosas, científicas etc., admitindo-se que está bem além das possibilidades atuais encontrar *um* encaixe final e todo-coerente das peças resultantes – ensinando porém a não jogar nenhuma peça fora, mas a guardá-las numa ‘caixa de figurinhas’ pessoal, à qual se pode recorrer ao longo da vida.

Note-se que, sendo verdadeira a concepção goetheana-steineriana de espírito, este terminará por evidenciar-se *por si mesmo* do mero **convívio** de tais 'figurinhas vivas' (isso se auto-evidencia da observação do processo, porém também foi implícita ou explicitamente enunciado por Steiner muitas vezes, como p.ex. na conhecida palestra do GA 108, de 1909, *A Educação Prática do Pensamento*).

Porém também partindo do campo científico oferece-se hoje uma forma de lidar com tais dados – aceitável aos padrões acadêmicos sem ferir a dignidade do discurso espiritualista: o campo dos Estudos do Imaginário, definido inicialmente na França, o qual vem sendo explorado por antropólogos, sociólogos, psicólogos, pedagogos etc. Reconhecendo a absoluta realidade, e influência na vida, do campo do que as pessoas pensam sobre tudo – especialmente das imagens duradouras, cultivadas coletivamente – esta abordagem permite seu registro e estudo com absoluta seriedade, sem nenhuma necessidade de entrar na questão de se os fatos e seres encontrados nesse campo são apenas criação humana ou têm uma ou outra medida de existência autônoma. Garante-se assim o espaço para o conhecimento das mais diversas idéias, sem nenhum gesto de caráter dogmático, deixando ao indivíduo a definição de sua relação pessoal com essas idéias. (Poderia ser dito mais sobre a riqueza de possibilidades desta abordagem, porém devemos deixá-lo para outra ocasião).

Os resultados têm sido notáveis sobretudo em termos da vivacidade da relação com o conhecimento e com o mundo social-político-intelectual. Em congressos, encontros, seminários, convenções, os jovens que participam de atividades da Trópis têm invariavelmente se destacado, trazendo como que um sopro renovador que é percebido por muitos, embora não saibam como defini-lo. Fenômeno semelhante acontece na vida cotidiana, onde esses jovens com frequência se tornam referência para coetâneos que se sentem em busca ou à espera de algo, e acabam encontrando neles *por primeira vez* a indicação da possibilidade de desenvolver-se consistentemente por um caminho de autonomia, em lugar de aderir a um ou outro sistema padronizador (religioso, ideológico etc).

O envolvimento nas atividades em questão se dá via-de-regra na segunda metade do terceiro setênio (às vezes com um envolvimento mais lúdico, menos intelectual, um pouco antes disso). Isso não é de modo nenhum prematuro: é o momento exato, pelo menos nas condições atuais e locais. (Para maiores discussões deste e de outros pontos será necessário criar ocasião oportuna).

2.4 - A SEXTA ÉPOCA E A RADICALIZAÇÃO DA COMPAIXÃO

Uma das afirmações mais impressionantes de Rudolf Steiner sobre a futura Sexta Época Pós-Atlântica é a de que a própria constituição física dos seres humanos será tal, que a presença de dor, fome ou outro tipo de mal-estar em uma única pessoa será sentida também pelas outras, não apenas moral mas até fisicamente. Como resultado será absolutamente impossível à humanidade tolerar que qualquer sofrimento evitável esteja atingindo qualquer um de seus membros.

Como é a dinâmica normal da preparação de cada época no 'útero da anterior' (expressão de Steiner), as pessoas envolvidas nesse processo começam a prefigurar em si mesmas os passos que precisam ser dados. Se não chegamos ainda ao nível da dor física, o sofrimento anímico e moral frente ao sofrimento alheio já se tornou hoje agudo e *inevitável* para muitas pessoas; podemos dizer que a compaixão deixou de ser nelas uma virtude opcional e passou a ser uma faculdade inerente como a visão ou a audição.

Para essas pessoas – que não são poucas – não existe alternativa saudável senão engajar-se no que podemos chamar os processos de preparação da Sexta Época. Não fazê-lo significa conviver constantemente com um nível de sofrimento dificilmente suportável, ou então recorrer constantemente a 'anestésicos', ou ainda 'furar os próprios olhos', destruir ou negar a própria percepção, o que equivale a uma espécie de suicídio moral.

2.5 - O HORROR DENEGADO POR TRÁS DO BRILHO E O BRASIL COMO MODELO NEGATIVO

Porém assumir o caminho tampouco é fácil: implica em como que assistir a um desnudamento da verdadeira natureza da 'glória' da nossa época, o qual pode ser tão perturbador que costuma provocar reações de extrema indignação e recusa. Percebe-se aí que essas visões estão sob um processo coletivo de denegação ou recalque, como os que Freud identificou frente a fatos perturbadores na psique individual.

Duas imagens caracterizam bem esse desnudamento. Todo o estilo de vida que nos é apresentado hoje como desejável – com todos os encantadores e *caros* objetos de desejo que variam de pessoa para pessoa, porém estão sempre presentes –, pode ser representado na forma de uma linda mulher – a mais

encantadora e desejável das mulheres; e então de repente algo é puxado, e descobrimos que se tratava apenas de uma capa, como de uma boneca, revestindo uma estrutura precária e macabra feita de peças metálicas e ossos.

A segunda imagem é a de um tecido deslumbrante, como um brocado, um manto real cheio de pedrarias. De repente é virado pelo avesso, e vê-se que as pedrarias estão presas e costuradas com pedaços de gente, com órgãos humanos.

Nessas imagens se evidencia o grau insuportável de indignidade e de sofrimento humano que estão embutidos na manutenção do estilo de vida 'desenvolvido' da nossa época. É importante notar que isso não é 'poesia', porém uma tradução imagética de fatos absolutamente concretos.

Faz parte disso, p.ex., o prospecto de uma sociedade '20 por 80' (20% da humanidade participando de uma vida econômica próspera e 80% simplesmente abandonados), prefigurada para o século XXI em 1995, em uma reunião documentada das mais significativas lideranças mundiais (v. MARTIN & SCHUMANN, *A Armadilha da Globalização*. S.Paulo, Globo, 1997).

E, em todo o mundo, estudiosos do assunto apontam *uma* sociedade como o modelo mais avançado dessa 'evolução' perversa: a sociedade brasileira!

O que significa, então, viver no meio dela? Mais:

- O que significa ter sido colocado aqui pelo destino – se levamos a sério os grandes conceitos da Ciência Espiritual de Rudolf Steiner – em termos de *tarefas de vida*?
- O que significa se essa característica – a da brutal iniquidade estrutural da sociedade – é o mais gritante de todos os fatos em torno de nós?
- O que significa para quem pretende cultivar aqui uma Ciência Espiritual, se é impossível um efetivo despertar espiritual enquanto nos concedemos o luxo da denegação dos fatos incômodos (o escolher-não-ver que leva ao efetivamente-deixar-de-ver)?
- Quais as conseqüências de assumir efetivamente pelo menos um pouco de abertura dos olhos espirituais – do que *todos* somos capazes neste início de século XXI, se de fato quisermos – se com isso não poderemos mais escapar de estar conscientes da enorme deformidade em torno de nós?
- E o que significa dispor-se a – ou, mais exatamente, *aceitar-se sujeito a e sujeito de* tarefas histórico-espirituais no meio *dessa* sociedade?

2.6 - O ENFRENTAMENTO SOCIAL DA OPRESSÃO ARIMÂNICA

Voltaremos à pergunta depois de observar que, em linguagem antroposófica, estamos aqui falando da opressão do ser humano pelas forças arimânicas, a qual se faz antes de mais nada pela imposição de *necessidades* para viver no mundo da matéria (o ‘transforma estas pedras em pão’ – conforme narrado no ciclo de palestras *O Quinto Evangelho* – GA 148, de 1913).

Em nossa época, porém, as necessidades básicas de todos *já poderiam estar plenamente satisfeitas* se as conquistas da humanidade fossem partilhadas fraternalmente! A opressão se perpetua então pela oferta de bens supérfluos porém altamente desejáveis, ou da criação de situações que gerem artificialmente novas necessidades reais (como p.ex. o telefone passou a ser para o estilo de vida moderno) – de modo que, lutando pela satisfação desses desejos, os seres humanos sucumbam ao egoísmo, adiem mais uma vez a fraternidade, e assim possam seguir sendo ‘vampirizados’ pelos poderes arimânicos.

Falando da única efetiva libertação das opressões espirituais, que consiste não no afastamento dos seres adversos mas em sua redenção ou transformação (a qual só pode ser operada com a participação do ser humano!), diz um dos maiores conhecedores atuais da obra de R.Steiner:

Desde o século XV, uma segunda tarefa se acrescentou pouco a pouco à primeira, a de ‘redimir’ também os seres arimânicos. Mas enquanto que em nossos dias cada indivíduo – mesmo se apenas em pequena medida – é capaz de participar da ‘libertação’ de Lúcifer por receber o impulso crístico em sua alma, o trabalho no sentido da libertação de Áriman, mesmo em pequeno grau, **só é possível para uma comunidade social** de seres humanos. Alcançar isto como ser individual, em nossos tempos, só é possível para os iniciados mais elevados. (PROKOFIEFF, S.O. *O significado oculto do perdão*, cap.V.5. S.Paulo, Ed.Antroposófica, 2003).

Naturalmente isto é assunto para tratados inteiros... Aqui apenas apontaremos para uma expressão-chave: **compartilhamento de recursos**. Muitas coisas necessárias ou desejadas se tornam motivo de desespero, sofrimento e fratricídio se cada um as busca individualmente, porém podem perfeitamente ser usufruídas sem maiores prejuízos para a humanidade e para a Terra se forem usadas compartilhadamente de modo inteligente. Só que isso exige... *aprender a conviver*, num grau muito maior do que já foi necessário até hoje.

Curiosamente, não é só em formas visivelmente comunitárias que se dá o compartilhamento de recursos. Esse é o princípio por trás de vários mecanismos do sistema capitalista, como os seguros e o próprio capital – um mesmo dinheiro que alimenta simultaneamente diversos empreendimentos. O problema é que atualmente não há consciência de estar-se participando de um processo de compartilhamento; isso é feito de modo anônimo, sem rosto, mediado pelos instituidores e/ou gestores do sistema, os quais além disso se apropriam de uma parte substancial (para dizer o mínimo) dos benefícios gerados – o que pode ser visto como uma versão avançada da atitude de Ananias e Safira na comunidade dos primeiros cristãos (Atos 5).

Uma forma mais radical desse procedimento é o desenvolvido há muitos séculos nos mosteiros: embora façam voto de ‘pobreza’ (isto é, de não possuir nada individualmente), não poucos monges chegaram a viver no luxo e privilégio... apenas no desfrute dos bens que a ordem possuía coletivamente.

Neste início de século XXI a experiência de viver *permanentemente* numa situação de compartilhamento de recursos não é para todos – porém pelo menos *como um período de aprendizado e desenvolvimento pessoal* pode sem sombra de dúvida ser recomendada a todos, sem exceção.

E isso ainda mais quando existe a necessidade, referida acima, de entender de fato a sociedade em que se vive, uma sociedade em que uma quantidade imensa de pessoas – de fato a maioria – não tem nenhuma opção senão a de compartilhar (embora já não compartilhe com o mesmo espírito de antes, já que isso é visto como *deficiência* no quando dos valores dominantes da época!).

Estamos falando aqui da forma de vida comunitária cultivada dentro da Trópis – período de preparação para uns, possível destino permanente para outros, útil a todos os que se dispõem a experimentar.

Diversas instituições antroposóficas de ensino adulto aproximam-se de uma vida neo-monástica, como o Emerson College, na Inglaterra, onde tivemos o privilégio de estudar e cujo fundador, Francis Edmunds, era um brilhante defensor de novos tipos de vida comunitária. Onde está a novidade?

Por trás de toda a práxis comunitária do cotidiano, um Emerson College só existe porque é uma escola paga, e isso só é possível porque serve a uma população suficientemente ‘irrigada de sangue econômico’ para poder optar por isso; uma população em que os que não podem pagar, total ou parcialmente, não são tão numerosos que impeçam um tal sistema de funcionar.

A novidade é tentar enfrentar a necessidade de realizar coisa análoga em meio a um contingente populacional definido *justamente* pelo fato de não poder pagar por esse tipo de coisa.

Mas por que escolher *essa* característica incômoda para defini-lo? – Porque no Brasil isso significa não menos que 85% da população total, ou seja: pelo menos 145 milhões de seres humanos.

(*Não se trata aqui de um estudo estatístico sistemático. Apenas nos perguntamos 'quê parcela da população encontra pelo menos algum nível de impedimento econômico no acesso não a confortos supérfluos, mas às coisas indispensáveis para o desenvolvimento pleno de seus potenciais humanos. Não se pode ignorar aí o papel de moradia salubre, alimentação adequada e assistência médica e odontológica satisfatórias, porém nossa ênfase está no que vai diretamente além do físico: alguma assistência adequada de natureza psicológica, e acesso a cultura e a uma educação digna desse nome. A partir de alguns valores de mercado e de alguns dados estatísticos básicos não é difícil inferir que esses impedimentos atingem a no mínimo 85% da população).*

Esse critério implica em deixar de projetar as ações de modo a que só estejam ao alcance dos outros 15% – o público 'decente' que paga pelo quer, compra nossos livros etc. –, apesar de que sem dúvida essa fosse a forma mais fácil de garantir a viabilidade econômica dos nossos projetos!

Com relação às pessoas que percorrem os difíceis anos de transição entre infância e idade adulta – os adolescentes e jovens de 13 a 21 anos que (por razões demonstradas em outros trabalhos) são o nosso foco principal – isso significa que, embora *sem fechar portas* a integrantes de um grupo de 5 milhões, nossa prioridade é servir a um grupo de 28 milhões. Isso não por alguma discriminação sentimental, mas simplesmente porque os tais 5 milhões *já têm* inúmeras possibilidades e oportunidades, se apenas quiserem procurar.

2.7 - DUAS QUESTÕES ABERTAS

Isso suscita necessariamente duas perguntas:

- (1) Quais as formas mais adequadas de atuar dentro dessa realidade – e isso não como mero paliativo local, mas tendo em vista os grandes objetivos humanos e universais?
- (2) Se estamos definindo nosso público pela impossibilidade de pagar pelo que precisa, *como financiar essa atuação?*

A primeira é uma questão que escolhemos voluntariamente; a segunda, como a própria realidade que a gera, é uma questão que desejaríamos que simplesmente não existisse, que jamais tivéssemos que enfrentar!...

Ela é especialmente difícil porque, pelo mesmo mecanismo de denegação, a sociedade economicamente capaz a trata como se esse desafio fosse uma questão ‘*de quem gosta de trabalho social*’, e não, como de fato é, da sociedade como um todo.

Olhemos um pouco para a primeira pergunta: a existência da Trópis **é** a nossa tentativa de elaborar, na própria vida cotidiana, a resposta a essa questão. E **tudo**, na nossa experiência, corrobora a cada momento as advertências de Rudolf Steiner na palestra sobre a ‘penúria de alma’: ***não adianta partir de programas teóricos: isso só pode ser desenvolvido a partir do viver conjunto de indivíduos reais.***

Isso, naturalmente, se tentarmos fazê-lo com ‘olhos’ abertos no nosso pensar: se aprofundamos nossa consciência *precisamente no momento e local presentes*, o mundo espiritual responde sugerindo formas de atuar *especificamente nessa realidade*.

Isso não é *de modo nenhum* equivalente a adaptar formas geradas pelo espírito em realidades diversas. Isso sempre terá algum valor, é claro – mas estará longe de alcançar as respostas de fato necessárias – pois na verdade é tão ‘programa teórico abstrato’ quanto um modelo qualquer elaborado sem participação do conhecimento espiritual.

O que estamos dizendo não significa, porém, que o trabalho realizado só se aproveite para aquelas poucas pessoas que pode atingir diretamente, e que não possa de certa forma servir de modelo: serve, sim, de modelo (e gerar e passar adiante um tal modelo é um dos objetivos primordiais da Trópis!), desde que se entenda realmente *para que serve um modelo*: serve de *inspiração*, exemplo, sugestão, ponto de partida – e talvez ainda de exercício, preparação de forças – para encetar uma nova empreitada absolutamente original.

Quanto à *segunda* pergunta (como financiar um trabalho assim?), só iremos dizer agora: isso é um assunto para a **Trimembração Social**. A Trimembração Social tem que, necessariamente, conter em si a possibilidade de responder a essa pergunta na prática – ou então não seria realmente uma idéia universal, não seria efetivamente a Trimembração para a qual Rudolf Steiner quis apontar!

Há, de fato, inúmeras interrogações acerca da efetiva realização da Trimembração, sobretudo devido às *imensas* alterações na sociedade no final do século XX, muitas das quais ainda nem percebemos em toda sua extensão. Porém isso deve ser tema de um outro artigo, em outro momento, que será sobretudo um *convite* à manifestação de quem pode desenvolver o assunto melhor do que nós.

2.8 - DESTINO, LIBERDADE E NECESSIDADE

Para terminar: começamos falando de liberdade... e um pouco adiante falamos de 'estar *sujeito* a tarefas histórico-espirituais': mas onde fica a *liberdade* nessa imagem de sujeição a uma tarefa?

Essa é uma coisa engraçada: quem procura bem, acaba encontrando que 'seu destino' e 'seu Eu' não são coisas diferentes. À medida que vamos despindo as capas e capas de falsas vontades, desejos que vamos pouco a pouco reconhecendo como implantados de fora, para procurar a vontade mais íntima que temos – mais que isso: a vontade mais íntima que *somos*, para aí segui-la livremente... terminamos por descobrir que... (1) a não ser em casos excepcionais e terríveis, isso é *sempre* um impulso útil ao todo; (2) é geralmente um caminho cheio de obstáculos, e no entanto não existe nenhum outro que valha a pena desejar.

Liberdade então equivale a cumprir o próprio destino – e, sendo de fato o destino, é sempre um passo que contribui para a evolução universal.

Por isso escrevemos 'sujeito a e sujeito **de**' – pois chegamos aqui ao nível do que Nicolau de Cusa (ou Nikolaus von Cues) chamava a *coincidentia oppositorum*: aceitar-se *sujeito a* é assumir-se *sujeito de* uma tarefa; senhor porque e na medida em que servo. Livre porque realizando o mais desejado dos atos: o mais necessário para o universo entre os que estão ao alcance desse sujeito, nesse momento, nesse lugar.

Mas como outra pessoa poderia nos ensinar qual é o nosso próprio roteiro, o que se descortina naturalmente quando olhamos a partir do ponto que jaz lá no fundo do fundo de nós?

Talvez por essa razão, de entre tudo o que já ouviam na Trópis, nossos jovens tenham escolhido para pintar em uma espécie de portal que há aqui a antiga frase que Píndaro dizia ser o objetivo de toda educação:

TORNA-TE O QUE TU ÉS.

Registre-se como parte deste trabalho a homenagem e gratidão a Vincent van Gogh.

Artigo 3 (metodológico):

Relacionando-se com a Antroposofia como Discurso Científico

Não quero dizer, de modo algum, que hoje eu já esteja apto a expor com precisão o que se revela na escrita espiritual; pois eu mesmo sinto ser trabalhoso e difícil obter, na Crônica do Akasha, as imagens que se referem ao cristianismo. Tenho dificuldade em levar essas imagens à condensação necessária, em conseguir captá-las. De certo modo, encaro como meu carma ter recebido a incumbência de revelar o que estou expondo.

(Rudolf STEINER, *O Quinto Evangelho* [GA 14], cap.2)

Começamos deixando claro que *não* vemos as palavras acima como evidência de alguma falta de qualidade na obra de Rudolf Steiner. Ao contrário, consideramos que *elevam* sua qualidade e relevância – pois são *as palavras desse teor* que apóiam, mais do que quaisquer outras, a afirmação do autor de que sua obra tem caráter científico, apesar de debruçar-se sobre campos que as ciências de hoje costumam desdenhar.

Tentaremos a seguir trazer um pouco mais de corpo a esta afirmação, sugerindo com isso alguns ângulos de visão que podem ser úteis ao aprofundamento do tema.

3.1 - ESPIRITUAL É SINÔNIMO DE RELIGIOSO?

Em sua obra, Rudolf Steiner nunca pára de enfatizar que propõe a Antroposofia como *ciência* espiritual e do espiritual (*Geisteswissenschaft*), e portanto **não** como *revelação* no sentido que essa palavra tem tradicionalmente nos sistemas religiosos. O uso do verbo “revelar” no trecho em epígrafe não contradiz o que estamos dizendo, justamente porque as palavras anteriores relativizam essa revelação, afirmando seu caráter provisório ou de tentativa, enquanto que a principal característica dos sistemas religiosos é atribuírem caráter absoluto à revelação.

O que nem sempre é evidente é que, ao centrar sua obra na palavra **Geist**, o autor se coloca intencionalmente no ponto de encontro de duas vias: uma que usa *Geist* no sentido de ‘mente, pensamento’ (grego *nous*), como se vê no uso de *Geisteskrankheit* para ‘doença mental’ e *Geisteswissenschaften* para ‘ciências humanas’, e nem sonha em questionar a respeitabilidade acadêmica de Hegel por sua Fenomenologia do Espírito (*des Geistes*).

Na outra via, *Geist* traduz o grego *pneuma* (que, como o latim *spiritus*, significa literalmente *sopro, hálito, vento*) e costuma ter a ver com seres e fenômenos considerados modernamente como do campo da religião ou da crença: o Espírito Santo (*Pneuma Hágion*), espíritos dos mortos ou da natureza, videntes e curadores espirituais (conhecidos na Grécia como *pneumáticos* - os que tem 'o sopro') etc.

Enquanto quase todos dão por certo que essas duas vias apenas se cruzam casualmente num significante (*Geist*) compartilhado por dois significados (*nous, pneuma*), para Steiner essas duas vias são na verdade uma só, a qual apenas está ou estava dividida artificialmente por um tapume, e em sua *Geisteswissenschaft* desenvolve resolutamente um discurso em que Hegel convive com mistérios iniciáticos, a vidência com teses sobre Teoria do Conhecimento, cálculos de engenharia com arcanjos e querubins — estudados não como elementos de crenças do passado, mas como fatos objetivos e reais, e isso na virada dos séculos XIX-XX (pelo menos em termos de intenções declaradas a postura de *Giordano Bruno* era bastante parecida, porém isso foi 300 anos antes — e a postura parecia ter sido levada à fogueira com ele).

É profundamente arraigada, porém, a idéia de que tudo o que tem a ver com o espírito-pneuma faça parte exclusivamente do campo da crença e da religião, onde não é encontrado pelo esforço racional mas *se dá a conhecer* como revelação — e por isso, por mais que Rudolf Steiner declare e repita que sua obra tem caráter científico, tendemos a nos postar diante dela como frente a um discurso revelatório no sentido religioso, e ao nos decidirmos por tomá-la a sério, com freqüência passamos a nos relacionar com ela com uma atitude religiosa, e não científica.

Cremos, porém, que só estaremos fazendo justiça ao monumental esforço de Steiner se seguirmos sua própria indicação: a de tratarmos a Antroposofia como ciência. E para isso precisamos fortalecer a clareza sobre *o que distingue o discurso científico do discurso religioso*.

3.2 - CARACTERÍSTICAS UNIVERSAIS DO DISCURSO RELIGIOSO

Em todos os sistemas e culturas, o discurso religioso se oferece como *fim* de todas as buscas; como resposta pré-existente e suficiente para tudo que puder vir a ser perguntado ('... é o mesmo ontem, hoje e sempre').

Portanto, não faz parte do jogo tentar ultrapassar o discurso revelatório no qual se funda; todas as elaborações teológicas visam a *confirmar* o discurso fundador – quem sabe detalhando-o para casos específicos, ou gerando novos modos de entendê-lo; nunca porém novos modos de entender a realidade, mas apenas de entender *o discurso*, já que esse é visto como mais fundamental, mais sólido e concreto que a realidade ('céu e terra passarão, mas as minhas palavras não passarão').

Assim, todas as explicações devem ser buscadas primeiro no discurso fundador, jamais diretamente na realidade. Se há desacordo entre os dois, a única possibilidade é que a realidade esteja errada: o discurso é por definição perfeito. Tampouco faz parte dos objetivos dos estudos teológicos elaborar alguma versão substitutiva aperfeiçoada do discurso fundador: ele já está pronto.

O discurso religioso nos diz ainda, sempre, que somos privilegiados por termos nascido *depois* da revelação, pois antes as pessoas vagavam na escuridão – mas um dia, já passado, a luz chegou – e como se inveja o privilégio haver estado pessoalmente no momento da revelação, nesse momento infinitamente superior e mais belo que o nosso!, que se situa sempre em algum lugar do *passado*. Pois a luz já veio – seja há 100, 2000 ou 5000 anos. Se ainda não vemos bem, a deficiência é dos nossos olhos, ou então é que não olhamos bem na direção certa (que é sempre a do passado: é preciso estudar hebraico, sânscrito, rúnico para entender melhor!).

E mais: quando a luz se manifestou foi de uma vez por todas, explicando todo o resto da eternidade: se houver novas manifestações, serão apenas as já previstas no momento da Grande Revelação. Todo o futuro, tudo a que possamos aspirar ou almejar, para nossa pessoa ou para a humanidade, já está totalmente determinado: *tudo* está contido no discurso fundador.

É importante observar: (1) *Não* fizemos uma caricatura. Descrevemos com toda sobriedade como o discurso religioso de fato é; (2) Não estamos dizendo que elementos contidos nos discursos religiosos não possam ser verdadeiros, nem que devam ser desprezados pelo conhecimento científico; estamos falando da *atitude* usada no trato com esses elementos; (3) Tampouco estamos afirmando que não haja nenhum lugar para a atitude religiosa: se há esse lugar, e qual seria, é outra discussão, que escapa aos objetivos deste artigo.

3.3 - O DISCURSO CIENTÍFICO E SUA CONDIÇÃO FUNDAMENTAL

É evidente que, ao chamar seu sistema de ciência, Rudolf Steiner o queria intencionalmente colocar sob outro estatuto. E qual é o estatuto da ciência?

O discurso científico sabe jamais ser a resposta final; ao contrário, se oferece sempre como *ponto de partida*, é sempre um convite para ir além.

Aliás, corresponde ainda melhor à imagem de platôs ou patamares numa infinita escalada: são vislumbrados de antemão por quem olha para frente, são ardentemente desejados como meta provisória, espaço para firmar os pés e ganhar forças... para retomar a escalada na direção sempre de um novo patamar. **A ciência está sempre de olhos no futuro** – no que ainda não foi respondido, e mais: **no que ainda pode haver por perguntar**.

Tanto é assim, que o filósofo Karl Popper (1902-1994) demonstrou, de modo absolutamente convincente (isto é, não se pode dizer que é ‘apenas uma opinião’) que uma afirmação só pertence à ciência *se for passível de contestação*: **a ciência progride tentando demonstrar que determinada proposta estava errada, ou não era suficiente**; como resultado, pode ser que essa proposta tenha que ser (1) inteiramente substituída por uma proposta nova; (2) que sofra grandes modificações; (3) que saia apenas ligeiramente retificada ou reajustada, ou (4) que resista por séculos a todas as contestações. Porém só será parte da ciência enquanto estiver exposta às ondas, oferecendo-se às contestações.

3.4 - CHEGANDO À TRANSCENDÊNCIA NA FIDELIDADE À PRÓPRIA ESSÊNCIA

Fazer ciência de verdade é, portanto, uma atitude de altruísmo: importa mesmo é a verdade, não o que eu propus. E quem está de fato envolvido com *saber* jamais ignora que a realidade não pára de fluir e de se transformar – e que portanto a verdade não poderá estar jamais em forma definitiva dentro de nenhuma palavra pronunciada em algum momento... que já em seguida é passado.

Fazer ciência é sempre oferecer ao mundo uma *possibilidade* – sabendo que o mundo terá que, por definição, tentar demonstrar por quê ela não serve, ou servir-se dela como base para ir além.

Nesse sentido ciência é sempre sacrifício, ou sagrado-fazer – e é sacrifício propiciatório para o futuro. Um sacrifício a ser renovado a cada colheita. E aí de quem colher e não sacrificar: todos os seus esforços permanecerão estéreis!

Por isso aquele que descobre um novo ângulo, uma nova proposta, um novo *insight* não tem sequer o direito de guardá-lo para si, ainda que a pretexto de respeito ao passado, ou de **respeito a quem inspirou o seu olhar**: tem o dever de oferecê-lo ao mundo, mesmo sabendo que cedo ou tarde terá também de ser contestado (isso se o mundo chegar a perceber o que recebeu!).

Esse é o verdadeiro ato de respeito neste campo: se sua nova proposta não superar a de quem o inspirou, esse terá sido homenageado; se superar, também, por ter sido quem ofereceu o estímulo ou ponto-de-partida para mais um passo para a humanidade.

3.5 - MENOS! (UMA “CARÊNCIA NEGATIVA” DOS NOSSOS TEMPOS)

Especificamente em relação à obra de Rudolf Steiner, existe ainda uma razão aparentemente prosaica para tratá-la com atitude científica, e não religiosa: o *volume* da obra: são 27 livros propriamente ditos... mas, com as coletâneas de artigos, papéis, obras artísticas e transcrições de estenogramas de palestras, atinge cerca de 370 volumes. Se uma pessoa pudesse ler um volume de Steiner por mês, continuamente, levaria cerca de 30 anos para ler toda a obra!

À parte o fato de que dificilmente esse pareça ser um método saudável de chegar à sabedoria ou a um desenvolvimento humano pleno, isso simplesmente não é exequível para a quase-totalidade das pessoas, que ficará sempre tendo conhecimento de um ou de outro bloco dessa obra, maior ou menor, porém sempre diferente. Trate-se a obra como discurso fundador religioso, e estará posto o cenário para duas coisas: (1) lutas pessoais permanentes (diferentes de debates científicos) sobre ‘a compreensão correta de Rudolf Steiner’; (2) a formação de uma espécie de clero constituído de leitores profissionais da obra.

É verdade que isso não é novidade, acontece em todas as religiões – porém justamente *isso* é grave: que não seja novidade! Nos termos da própria obra, seria uma *amplificação*, em plena Quinta Época, da forma de vida espiritual predominante na Quarta Época – em *nada* parecida com a vida espiritual livre que o autor demonstrou ser a resposta legítima à ‘penúria de alma dos nossos tempos’ (na Palestra IV do GA 168 e em incontáveis outras ocasiões). Amplificação porque o que acontece com as demais religiões seria potencializado *pelo tamanho e pela profundidade* da obra: conjugada com conteúdos que nunca antes atingiram tão fundo, a forma inadequada provocaria efeitos opressivos sutílizados,

destrutivos por dentro, na vida espiritual do indivíduo e da sociedade, em uma dimensão jamais vista na História: *corruptio optimi pessima* – quanto melhor uma coisa, tão mais terrível se torna caso se corrompa.

Deixando tal cenário de ficção científica (ou religiosa?), *precisamente no momento atual* a Antroposofia deixa de responder às necessidades mais prementes caso a ‘tentação religiosificante’ nos faça tratar a obra de Steiner como um bloco monolítico, do qual se deve tomar tudo ou nada. Acontece que em fins do século XX o **excesso de informações** de todo tipo à disposição da humanidade se tornou um grave problema para a educação e mesmo para a ciência. Como orientar-se nesse mar de conhecimentos que nenhum indivíduo chega jamais a ver em conjunto?

Aqui temos uma ironia: por haver reelaborado no contexto da virada de séculos XIX-XX o poderosíssimo tino de Goethe para a identificação de padrões subjacentes à realidade viva, a Antroposofia *contém* em si elementos poderosos para enfrentar esta situação. Porém (1) *não são todos* os seus elementos que cabem na hora de responder a essa questão específica; (2) muito menos é um *corpus* de 370 volumes tomados necessariamente em conjunto o que pode colaborar neste momento de sufocamento pelo excesso!

Mas principalmente: (3) mesmo os elementos que são adequados para isso, não o são do modo *mais* adequado na forma em que se encontram dentro desse *corpus*, excessivamente envolvidos com exemplos e respostas específicas a questões intelectuais da sua época, cuja discussão hoje soa muitas vezes bizantina. É preciso que pessoas de agora, profundamente embebidas com as questões que o mundo efetivamente coloca agora (não com as que às vezes ‘pomos em sua boca!’), reelaborem dentro de si Steiner como este reelaborou Goethe, até encontrar os princípios, a estrutura mínima, o diamante da engrenagem do relógio (ou, para deixar mais atual a imagem, que serve de processador ao sistema...). Em lugar de se *adaptarem* formas geradas em outro contexto histórico – prática que, seja em que sistema for empregada, carrega uma longa tradição de desastres – o espírito (diamante, princípio em sua forma mínima) precisa gerar *novas* formas no contato com o material próprio da época em que vai se encarnar.

Já esta explanação surge pela aplicação de princípios contidos no discurso de Steiner... a esse mesmo discurso! O mesmo processo pode ser reaplicado aos primeiros resultados obtidos, de novo e de novo, até chegar-se a estruturas mínimas, sempre ‘objetos mentais’ poderosos com capacidades surpreendentes – que fazem pensar p.ex. em anéis de Moebius feitos em diamante e com utilidade prática...

O que não sabíamos, ao irmos experimentando fazer isso, é que estávamos fazendo com simplicidade, 'na cozinha', o mesmo *gesto* com que, dentro de linguagens altamente especializadas, cientistas vinham realizando as conquistas teóricas mais importantes para a compreensão da natureza na segunda metade do século XX: a repetição cíclica de um processo sobre si mesmo, dobramentos da textura matemática do real, iterações...

O que nos leva de novo a pensar que o 'ar' dos tempos continua fazendo sugestões inteligentes... e que as registradas em algum ponto do passado nunca foram e nunca serão as últimas!

A propósito, o que expusemos é uma das muitas formas de caracterizar o que na Filosofia e Pedagogia do Convívio chamamos de Minimalismo, e que é um dos princípios que, por fidelidade a ele mesmo nesta época de excesso, nos empenhamos em não deixar que ultrapassem o número de três!

3.6 - PARA QUE UM SONHO NÃO SEJA EM VÃO

Para terminar, sugerimos algumas qualidades e palavras-chave que nos parecem úteis no esforço de garantir que a Antroposofia continue se desenvolvendo como discurso científico. São notas bastante soltas, que com certeza podem ser grandemente aperfeiçoadas e complementadas por outras visões:

- **Multiplicidade dos esforços:** não existe ciência de um cientista só. Para que Antroposofia não seja sinônimo de 'obra de Rudolf Steiner' e sim de 'ciência espiritual', como ele mesmo a definia, é indispensável que outros estejam permanentemente se esforçando no encalço de novas realizações dessa ciência.
- **Caráter não-absoluto, não-definitivo:** pois, como vimos, nada pode ser considerado definitivo em ciência. Não estamos mais na Quarta Época, em que *Roma locuta, causa finita* ('Roma falou, a questão acabou'). Proposições de Rudolf Steiner, ou de qualquer outro autor, podem ser postas em dúvida sim, a qualquer tempo — ou então não estamos falando de ciência. Porém devemos saber explicar *por quê* estamos questionando — e não esquecer que ampouco a *nossa* proposta será definitiva!
 - **Não-exclusividade:** não por se estar dialogando com uma obra tão portentosa uma pessoa de saber tem o direito de dialogar exclusivamente com ela, sem levar em conta outras fontes; já Agostinho dizia ter medo de homens de um livro só, e conhecer ou basear-se em um autor só é a mesma coisa,

ainda que esse autor seja Rudolf Steiner. A escolha dessas fontes é de liberdade absoluta do autor que está criando, não importa se Rudolf Steiner as via com simpatia ou antipatia; eram razões dele; o novo autor tem que ter suas próprias razões. Mas tem também que ser capaz de justificá-las...

- **Caráter não-monolítico:** a exigência de que se aceite ou 100% ou zero da obra (de qualquer autor) não tem nada a ver com ciência. A relação também não precisa ser 'enciclopédica', ou seja: não deve ser preciso conhecer tudo o que Rudolf Steiner disse sobre um assunto para poder usar uma de suas proposições; é preciso que haja coerência interna *na obra que está sendo criada*, não necessariamente com o resto da obra de Steiner: a obra que está sendo criada *é do autor que está criando*; afinal, Steiner já teve a oportunidade de deixar seus 370 volumes!
- **Caráter criativo:** apenas apresentar em novas palavras ou em nova ordem as visões já apresentadas por Rudolf Steiner não é fazer ciência: é fazer literatura didática ou de divulgação científica. Há casos em que isso pode ser de grande valor, porém deveríamos ser autocríticos quando à real utilidade de sua publicação, para não estarmos apenas acrescentando palavras supérfluas ao já generalizado excesso. Mais importante porém é **fazer ciência**, e só é ciência-mesmo aquilo que acrescenta um passo *novo*: explora e propõe com coragem algo que ele *não* disse, um procedimento de método que ele não usou – ou, no mínimo, ao reafirmar algo que ele tenha dito, aponta nexos que ele não apontou ou faz demonstrações que ele não fez.
- **Liberdade, mas não leviandade!** Busca séria de consistência, de qualidade intelectual. Proceder sem isso seria, sim, um desrespeito. A Rudolf Steiner e a si mesmo.

Enfim: fazer ciência tendo ao lado um tamanho legado será sempre um desafio. Será sempre um esforço não sucumbirmos à tentação da atitude religiosa frente à monumentalidade do legado, e sim mantermos com coragem nossa inteira liberdade em sua presença. A isso deve nos ajudar o pensamento de que tal atitude jamais seria um desrespeito justo a quem a recomendou!

Pois o mais efetivo respeito, reconhecimento e homenagem a Rudolf Steiner está justamente em tentar permanentemente descobrir passos novos, inéditos, quer de conhecimento quer de prática, que se possa dar *partindo* de pontos presentes na sua obra. Pois assim, e somente assim, estaremos dando garantia de que seu sonho não tenha sido em vão: ter deixado na Terra uma Ciência do Espiritual. ●

UM EPÍLOGO-APELO

Um dia, faz muitos anos, fomos convidados a uma Festa de Conhecimento na mansão de uma senhora notável, uma *grande-dame*, Lady Anthroposophy. E que festa foi! Nossa vida nunca mais poderia ser exatamente a mesma depois de uma tal festa!

Porém, curiosamente, nessa mesma festa ficou evidente que não poderíamos ficar muito tempo na mansão. Que tínhamos que sair pelo mundo. E, de fato: fomos rolando de casa em casa, até que nos vimos... num cortiço. Não dos piores, sem dúvida, mas um cortiço. Um cortiço a reformar.

E aí, de repente, veio a estranha idéia de que cabia retribuir o convite de Lady Anthroposophy oferecendo aqui, no nosso ‘cortiço alternativo’, uma festa igualmente espiritual: a Festa do Convívio Universal.

Naturalmente não temos muita coisa a oferecer, então pensamos em recebê-la com um buquê das flores mais bonitas que crescem no nosso jardim ideal (infelizmente o cortiço nem tem espaço para um jardim real!): um buquê de *Pluralia pluralistica*, flor de pétalas incontáveis e de que não há duas iguais, porém que surpreendentemente gera sempre combinações belíssimas – desde que não se tente arrancar nenhuma pétala, nem retirar nenhuma das flores do buquê.

Enfim, temos pleno conhecimento dos incontáveis e dolorosos conflitos que ocorreram e ainda ocorrem na família de Lady Anthroposophy, a ponto de quase impedi-la de exercer seu nobre papel inspirador e orientador para a população em geral. E nos ensinaram que essas flores – precisamente essas, nenhuma outra – têm um poder absolutamente milagroso de desfazer esse tipo de mau-olhado ou maldição.

Na casa onde essas flores estão presentes – não só nos contaram, nós já *vimos* o milagre! – as pessoas ficam bastante estranhas; cada uma delas sai fazendo ou dizendo coisas extravagantes, absolutamente diferentes umas das outras – porém, de algum modo, todas essas coisas se combinam, umas compensam as outras, e no final nunca sai nada de errado. A cada dia as coisas acontecem de um jeito novo, cada vez mais interessante, bonito, eficiente e inspirador.

Apenas se alguém tenta condenar ou impedir a ‘extravagância’ de outro, essas flores murcham e morrem. Mas isso raramente acontece, pois o poder das flores consiste justamente em prevenir que alguém tome esse tipo de iniciativa. E elas o fazem exalando no ar um aroma sutil e preciosíssimo, o chamado Perfume de Pluralismo, também conhecido como Essência da Liberdade.

Falemos francamente: ‘nenhum reino pode subsistir dividido contra si mesmo’ (como está nos Evangelhos). E todos sabem que ‘divisão interna’, ‘luta interna’ têm sido palavras constantes em toda a História do movimento antroposófico. Isso não se resolve apelando à fidelidade a Rudolf Steiner, pois com frequência a luta é entre diferentes imagens de como ser mais fiel a Rudolf Steiner!

Acontece que, ao contrário do que parece a um olhar superficial, nunca, em nenhuma instituição, a divisão se dá porque alguém propõe algo de inaceitável, ou mantém uma posição inaceitável, e sim pelo fato de que alguém se dê o direito de julgar inaceitável alguma proposição. Nenhuma tese positiva, original (isto é, que já não constitua negação de ou ataque a uma outra) contém em si mesma a possibilidade de luta; a luta começa no ato de negar a alguma tese ou pessoa o direito a existência nesse círculo, tentar suprimi-la, calá-la ou excluí-la, recusar-se a **conviver** com ela.

Com muita freqüência isso toma a forma de ‘defender a pureza’ de algo; de (com o poder de um galo que canta para fazer o Sol nascer) tentar impedir o desastre histórico que seria causado por sua contaminação. Isso, porém, é de competência exclusiva do Mundo Espiritual, que seleciona *através da História* as coisas que nós aqui, seres humanos, vamos criando! A nenhum ser humano, pelo menos em nossa época, o mundo espiritual delega a autoridade de fiscalizar e selecionar as criações de outro! (À idéia de que houvesse essa autoridade entre pessoas, não importando em que campo do saber ou da vida, Rudolf Steiner chamava de ‘jesuitismo’).

E se alguém propuser uma coisa excessivamente imprópria ou extravagante?

A única reação não-destrutiva seria propormos no lugar uma coisa que julgássemos *mais própria* – *deixando em seguida que o mundo escolhesse* (o que equivale a ‘confiar na ajuda sempre presente do mundo espiritual’), sem jamais invocarmos qualquer princípio de autoridade, ou de mais proximidade com a autoridade, para tentarmos forçar a adoção da nossa proposta – e muito menos fazermos um único gesto ou dizermos uma única palavra contra a *pessoa* que propôs aquilo de que discordamos, contra sua imagem, sua posição na sociedade, e seu direito de propor abertamente seja lá o que for.

A cada vez que alguém propõe ou publica uma nova idéia no meio antroposófico mundial, aparecem imediatamente dezenas de colegas para apontar tudo o que lhes parece não prestar naquela idéia, e – mais grave – por que é que o autor não tem competência ou não merece crédito! Onde ficou já a positividade, os ‘dentes lindos do cachorro morto’ das primeiras lições de Antroposofia? Será que nos níveis superiores elas perdem a sua validade?

Apesar de que, em princípio, toda ciência dependa de debate crítico, creio que nós, especificamente, estamos precisando de um tempo de penitência em que todo impulso crítico seja empregado apenas na autocrítica.

Se todos os antropósofos do mundo se propusessem a, durante dois anos, apenas apontar o que consigam ver *de bom* em qualquer coisa que outro antropósofo publica, propõe ou faz, simplesmente guardando silêncio sobre os aspectos que lhe pareçam errados ou de má qualidade... com toda certeza depois desses dois anos a vida interna da Antroposofia começaria a mostrar novo vigor, e as exalações que chegam ao mundo geral teriam perfume garantidamente agradável (quando até agora têm inegavelmente suscitado algumas interrogações).

E se conseguíssemos manter esse exercício por *sete* anos, então se chegaria coletivamente a um estado de transbordante entusiasmo... acompanhado de auto-evidente *autoridade moral* – um poder sem o qual é impossível realizar as tarefas históricas que foram designadas à Antroposofia, de modo que se essa não o cultivar o mundo espiritual recorrerá a outros agentes, ainda que não tão preparados, deixando a Antroposofia como caricatura (des)animada do que deveria ter sido.

Tudo de que estamos falando se resume em eleger *uma* das incontáveis proposições de Rudolf Steiner como pólo de referência central, fixo e inquestionável, por ser o único princípio que tem o poder de garantir a si mesmo e a todos os outros: liberdade *absoluta* na vida espiritual.

A *esse mesmo* princípio demos forma prática, ao longo de anos de ‘peregrinação’, e enquanto trabalhamos aqui no nosso cortiço, tentando fazer dele uma pequena jóia – a que chamamos o Princípio do Pluralismo Sistemático. Essa pequena e poderosa jóia queremos oferecer com sinceridade à Antroposofia, para uso em seu cotidiano como talismã e como ferramenta prática, como agradecimento pela Festa de Conhecimento em que nos recebeu.

São Vicente, 7 setembro de 2003
(25.º ano de Antroposofia do autor)

Ralf Rickli



www.tropis.org